

HISTÓRIA

# O passado que permanece encravado na ilha de Mosqueiro

Uma das maiores produtoras de borracha do Brasil, a fábrica Bitar ainda tem partes de seu patrimônio industrial preservado, no cenário pouco movimentado da Praia do Areião, e na memória dos moradores

CURIOSIDADE

Cintia Magno

**B**anhado pelas águas da Baía de Santo Antônio, o prédio da antiga fábrica de beneficiamento de borracha se impõe no cenário pouco movimentado da Praia do Areião, na Ilha de Mosqueiro. Rodeada por uma pedreira visível apenas na maré baixa, a fachada do que foi a famosa ‘Fábrica Bitar’ resiste ao tempo, preservando a memória da construção que é considerada a pioneira da vida industrial da ilha do Mosqueiro e que até hoje desperta memórias e lendas entre os moradores mais antigos da bucólica.

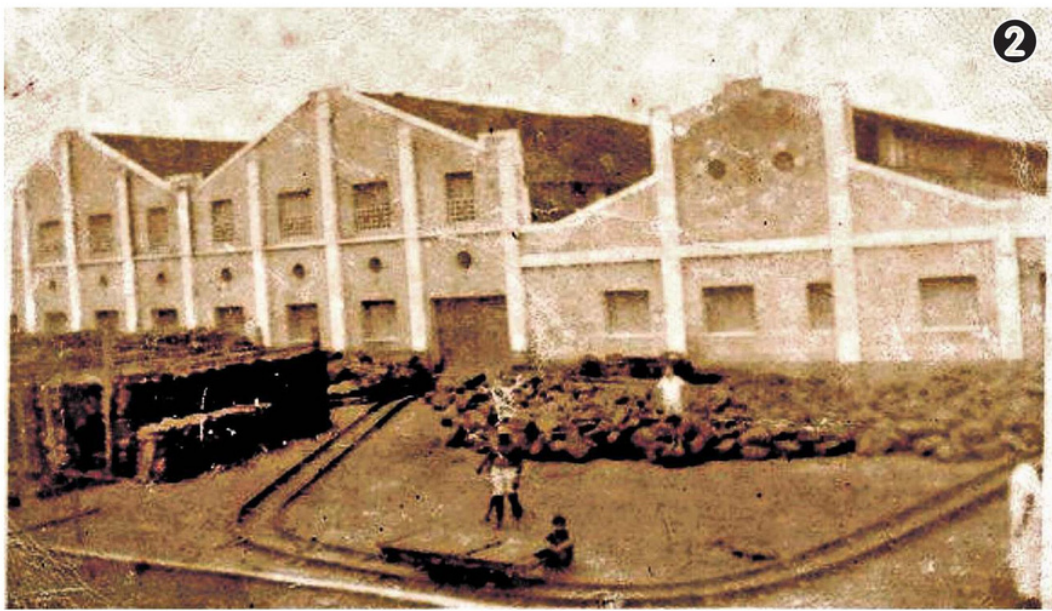
Importante marco histórico, econômico e até folclórico para a Ilha de Mosqueiro, a história da ‘Fábrica Bitar’ teve início ainda no dia 23 de junho de 1924, quando o local onde a indústria foi instalada, na Praia do Areião, foi adquirido pelos irmãos Simão e José Miguel Bitar, fundadores da firma Bitar Irmãos, que já atuava no ramo do comércio, em Belém, desde 1897.

À época, segundo relata o historiador Augusto Meira Filho no livro ‘Mosqueiro: Ilhas e Vilas’, na extensa área de terra existia uma velha construção de madeira em uma ponta avançada para a Baía de Santo Antônio, denominada de Pedreira. “Foi nessa antiga edificação, totalmente reconstruída, que a firma instalou uma nova indústria, certamente, a primeira iniciativa particular desse gênero fixada em Mosqueiro”, resgata a publicação de 1978.

Ainda segundo o historiador, no ano seguinte à aquisição da construção, a Firma Bitar Irmãos adquire na Alemanha o equipamento mecânico necessário para a extração e refino de óleos vegetais oriundos de sementes de ucuuba, muru-muru, andiroba, pracaxi, babaçu, patuá e algodão. É neste período, inclusive, que a indústria lança um óleo de mesa denominado “Princeza” e que chegou a ser premiado na Exposição Farroupilha de 1932.

Foi apenas a partir da compra de maquinário especializado para lavar e crepar borracha, adquirido nos Estados Unidos e Alemanha, porém, que a fábrica passou a atuar na atividade que a fez ficar mais conhecida. Das instalações existentes na isolada praia da Ilha de Mosqueiro, saía a borracha que era exportada, inicialmente, para a Europa, sobretudo para a Alemanha e a Inglaterra e, posteriormente, também para o Estado de São Paulo. Com a aquisição de novas máquinas, a indústria também passou a produzir artefatos de borracha em geral, como pneus e câmaras de ar, que passaram a abastecer o sul do país, além de serem exportados para o Uruguai e para a Argentina.

Diante de uma movimentação tão intensa, a fábrica chegava a trabalhar diuturnamente na Ilha do Mosqueiro, impactando o desenvolvimento econômico local e diversificando, de certa forma, a atividade econômica. Pesquisador sobre a história da Ilha de Mosqueiro, o professor de língua portuguesa



EM IMAGENS

1 Logo na praia do Areião

FOTO: ALBERTO BITAR

2 A fábrica em

funcionamento FOTO: FAU / UFPA

3 A fachada que ainda está preservada

FOTO: ALBERTO BITAR

4 Publicação sobre a

fábrica na época FOTO: FAU / UFPA

5 Claudionor Wanzeller

FOTO: REPRODUÇÃO

a construção de vários alicerces da Cidade Velha, na época da construção de Belém. Tempos depois, exatamente pela importância histórica da fábrica ali instalada já no século XX, a região ficou conhecida como Ponta do Bitar, nome que a acompanha até hoje. “De antiga Ponta da Musqueira, ela passou a ser conhecida como Ponta da Pedreira e hoje é conhecida como Ponta do Bitar devido à fábrica. Então, a fábrica foi um marco, realmente, para a economia, para história e até para a cultura da ilha”.

No que se refere à importância folclórica, Claudionor Wanzeller relata que a Fábrica Bitar é palco para uma das lendas mais antigas do distrito. “Dizem que sob a Fábrica existia uma cobra grande que era perturbada à noite pelo barulho do maquinário, até porque a fábrica chegou a trabalhar diuturnamente”, relata, ele que é autor de um livro sobre as lendas da bucólica, o ‘Mosqueiro Lendas e Mistérios’. “Então, essas noites de trabalho perturbavam a cobra grande e ela, em sonhos, aparecia para os trabalhadores dizendo que se não passasse com aquilo ela iria derubar a fábrica”.

Apesar de decorrido tantos anos, a lenda ainda é imediatamente lembrada pelos moradores da Ilha de Mosqueiro quando se fala na conhecida ‘Fábrica Bitar’. Filho de Mosqueiro, como faz questão de frisar, o militar aposentado Reginaldo Caldeira, 58 anos, conta que os mais antigos sempre relataram a existência da cobra grande debaixo da estrutura da antiga fábrica, em uma história contada de geração em geração. “O que contavam é que se a cobra grande saísse debaixo da fábrica, ela iria

CURIOSIDADE

● Outra curiosidade interessante em relação à ‘Fábrica Bitar’ é a existência de um navio que naufragou bem em frente ao trapiche que dava acesso à fábrica pela Baía de Santo Antônio, na Praia do Areião. Até hoje, quando a maré está baixa, é possível ver as ruínas do antigo navio no local.

cair”, reproduz a história ouvida desde a infância. “O que eu me lembro é que, desde quando me entendi por gente, já tinha essa fábrica aí que fazia corte de borracha. Chegavam aí, de navio, aquelas bolas de borracha que eram lavadas e cortadas para depois seguir para Belém”.

Outra memória repassada entre as gerações e lembrada por Reginaldo é que a fábrica costumava empregar uma grande quantidade de moradores da Ilha de Mosqueiro. Como o funcionamento era diuturno, muitas vezes era entregue às crianças a missão de levar o almoço aos pais que trabalhavam na indústria. “Era uma produção muito grande mesmo, os mais antigos contam que não parava. Eles faziam turnos de 12 horas”, conta. “Com o tempo a produção foi caindo até que ela parou. Mas ainda hoje você encontra gente que chegou a trabalhar nela nos últimos anos de funcionamento”.

O aposentado Maurício Pinto da Silva, 58 anos, lembra que chegou a trabalhar por três meses na fábrica, ainda muito jovem. “Quando eu trabalhei ainda era no beneficiamento da borracha, mas foram só três meses e faz muito tempo”, lembra. “O que eu mais tenho memória mesmo é que os trabalhadores mais antigos contavam dessa cobra encantada que, quando a fábrica fazia muita zoada, ela se aborrecia e se mexia embaixo da fábrica, fazia tremer a terra. Eu lembro bem que os antigos contavam essa situação”.

Passando por transformações com o decorrer do tempo, a “Usina Santo Antônio da Pedreira” conseguiu manter o funcionamento por um longo período ao longo do século XX. No livro ‘Mosqueiro: Ilhas e Vilas’, Augusto Meira Filho relata que, já em 1967, a fábrica foi totalmente eletrificada com a instalação de uma usina diesel-elétrica com capacidade de 500 KWH. Não se tem relato sobre o ano de encerramento das atividades da antiga fábrica, mas ainda hoje é possível ver parte da construção pela Praia do Areião.

Claudionor dos Santos Wanzeller destaca que, à época da instalação da fábrica, a principal atividade econômica da ilha era a pesca artesanal. “Estávamos, na época, no início do século passado, praticamente no segundo ciclo da borracha na Amazônia, Mosqueiro já era distrito desde 1901 e a atividade da Vila do Mosqueiro era a pesca artesanal”, contextualiza. “Havia uma atividade pesqueira muito grande aqui e, inclusive, na praia do Areião. Só

que a Fábrica Bitar acabou criando um outro rumo porque, já como uma espécie de indústria, ela começou a empregar homens e mulheres nesse serviço”.

O professor lembra, ainda, que apesar de hoje a fábrica ser conhecida como ‘Fábrica Bitar’, na época de sua instalação ela recebeu o nome de “Usina Santo Antônio da Pedreira”, que faz referência, justamente, ao local onde ela foi instalada, às margens da Baía de Santo Antônio, e